

TANCREDO NEVES

PMS FMU LERIN

BIBLIOTECA

Jornal

Data A Tande

03/02/01

Caderno Local

Página 04

Seção

Assunto

Bairro

Tancredo Neves

Data 03/02/01

Caderno

Seção

Assunto

Bairro

Fotos: Geraldo Ataíde

Tancredo Neves, exemplo de desordenamento



EXPLICAÇÃO
O nome original, rejeitado pelos moradores, seria de um escravo

MARISTELA SAMPAIO

Da Rua Direta do Beiru, no bairro de Tancredo Neves, tem-se uma visão panorâmica do Centro Administrativo da Bahia (CAB), numa amostra do cenário de contradições que imperam no tecido urbano de Salvador. Posicionando-se no outro extremo, as ruelas do bairro tornam-se invisíveis diante da imensidão crescente da periferia da cidade, que forma uma imagem turva aos olhos das autoridades.

Como toda região periférica das grandes metrópoles brasileiras, a tríade criminalidade, pobreza e desemprego também permeia os graves problemas de Tancredo Neves, que até a década de 80 se chamava Beiru. Com isso, o bairro de 180 mil habitantes e mais de 1 milhão de metros quadrados, é considerado pelo arquiteto e urbanista Luiz Antunes Nery o que melhor representa as características áreas de ocupação irregular da Região Metropolitana de Salvador, principalmente nas áreas de desmembramento do bairro, Arenoso e a invasão do Buracão.

"Ali está o protótipo do desordenamento de Salvador. A principal via do bairro (Rua Direta do Beiru) é estreita e está em uma cumeada. As habitações estão no limite da via e se estendem por toda a encosta até o vale. Isso é muito característico porque esse tipo de organização está em toda Salvador. E em torno disso estão construções de grande porte e legais, como o Cabula", explica o arquiteto.

Nery destaca ainda a fragilidade da maquiagem colocada na estrutura do local, que é asfaltada mesmo nas vielas, tem algumas escadarias e há fornecimento satisfatório de energia e telefone. Mas há serviços importantes que são sacrificados, como o recolhimento de lixo e o fornecimento de água. "Ficamos de dois a três dias sem coleta de lixo no bairro", revela a funcionária do Conselho de

Moradores do Bairro de Tancredo Neves, Rosilda Batista. "Está faltando água direto. Tem 15 dias que não sobe água aqui na Rua Bahia", reclama o comerciante Manoel Pereira dos Santos, um dos mais antigos moradores, instalado em Tancredo Neves há 25 anos. "Sempre foi assim, não é sempre que sobe água, não", revela.

Segundo os moradores, em Tancredo Neves também não há sequer uma creche, nem uma agência dos Correios. Há apenas uma escola de segundo grau, o Colégio Estadual Edvaldo Fernandes. Outra ausência também está na pauta de reivindicações da população: uma agência bancária.

Acordo de paz

Esta última solicitação vem das famílias de classe média, que também habitam o local, no rastro do bom desempenho de alguns estabelecimentos comerciais, a atividade mais forte do local. "Gosto daqui. Fico com receio de amanhã ter que sair daqui e ter que montar um comércio num bairro desconhecido", diz Elenita Neves dos Santos, dona da Panificadora Bom Jesus da Lapa. "Aqui ninguém mexe com a gente porque nos conhece", completa a comerciante, referindo-se à marginalidade do lugar, que já foi considerado o mais violento da cidade, numa demonstração de uma convivência supostamente pacífica.

Outro acordo de paz é implícito pelo comércio formal e os ambulantes, que, instalados literalmente na porta dos estabelecimentos, atrapalham o acesso dos consumidores, mas não irritam os proprietários. "É melhor eles estarem aqui do que assaltando", defende o comerciante Ricardo Liberato, satisfeito com a diminuição do risco de furtos e assaltos.

Satisfeitos também estão os funcionários do único posto de saúde do distrito sanitário Tancredo Neves/Cabula, como a técnica de Laboratório Ieda Lopes. Ela explica que o posto, que já atende emergências, será ampliado e funcionará 24 horas por dia. "Essa foi uma luta de 20 anos", frisa. É esse clima de resignação que parece ter tomado conta dos moradores do bairro de Tancredo Neves. A inexistência de infra-estrutura e o alto índice de violência no início da década de 90 foram até agora camuflados por estruturas precárias, que não deixam os moradores desassistidos, mas estão longe de atender satisfatoriamente a todos.



Em poucas décadas, o antigo Beiru cresceu bastante e hoje ostenta uma parte urbanizada, dotada de um comércio bastante expressivo

Nome marcado pela violência

Até 1987, o bairro de Tancredo Neves se chamava Beiru. Numa caminhada pelas ruas percebe-se facilmente a presença da antiga demonização em diversos estabelecimentos comerciais e também na boca do povo. Há ainda quem grite "Fica aqui no Béru", lembrando o apelido que torna o velho mas não ultrapassado nome da localidade mais curto e proparoxítono, imune a rimas.

Da escritura da fazenda que deu origem ao bairro é que se obtém a explicação para o primeiro batismo. No final do século XIX, a família Hélio Silva Garcia, dona da área ocupada hoje pelo bairro, doou boa parte das suas terras a um escravo chamado Beiru, pelos altos serviços prestados à família. Com a morte de Beiru, anos mais tarde, as terras voltaram às mãos da família Hélio Silva Garcia, porque o escravo não tinha herdeiros livres. Então, para prestar uma merecida homenagem ao escravo falecido, a fazenda passou a se chamar Beiru.

Em relação à origem da ocupação do local, os registros contam também que o primeiro morador, Miguel Arcanjo de Souza, instalou-se no local no iní-



A ocupação aleatória das encostas acarretou para o bairro uma série de problemas de urbanização

cio do século XX. Mas foi somente na década de 70 que surgiram as invasões entre a Avenida Paralela e o Hospital Roberto Santos, formado a invasão do Beiru.

Um plesbício, porém, acabou por modificar o nome do local. Um projeto do vereador Dionísio Juvenal propôs a mudança do nome do bairro, que estava marcado pela criminalidade.

Segundo o projeto aprovado no plesbício de 1987, o nome do presidente eleito que acabara de falecer, Tancredo Neves, poderia renovar a imagem do bairro perante a cidade de Salvador.

ONDE FICA



EXPLICAÇÃO

O nome original, rejeitado pelos moradores, seria de um escravo

MARISTELA SAMPAIO

Da Rua Direta do Beiru, no bairro de Tancredo Neves, tem-se uma visão panorâmica do Centro Administrativo da Bahia (CAB), numa amostra do cenário de contradições que imperam no tecido urbano de Salvador. Posicionando-se no outro extremo, as ruelas do bairro tornam-se invisíveis diante da imensidão crescente da periferia da cidade, que forma uma imagem turva aos olhos das autoridades.

Como toda região periférica das grandes metrópoles brasileiras, a tríade criminalidade, pobreza e desemprego também permeia os graves problemas de Tancredo Neves, que até a década de 80 se chamava Beiru. Com isso, o bairro de 180 mil habitantes e mais de 1 milhão de metros quadrados, é considerado pelo arquiteto e urbanista Luiz Antunes Nery o que melhor representa as características áreas de ocupação irregular da Região Metropolitana de Salvador, principalmente nas áreas de desmembramento do bairro, Arenoso e a invasão do Buracão.

"Ali está o protótipo do desordenamento de Salvador. A principal via do bairro (Rua Direta do Beiru) é estreita e está em uma cumeada. As habitações estão no limite da via e se estendem por toda a encosta até o vale. Isso é muito característico porque esse tipo de organização está em toda Salvador. E em torno disso estão construções de grande porte e legais, como o Cabula", explica o arquiteto.

Nery destaca ainda a fragilidade da maquiagem colocada na estrutura do local, que é asfaltada mesmo nas vielas, tem algumas escadarias e há fornecimento satisfatório de energia e telefone. Mas há serviços importantes que são sacrificados, como o recolhimento de lixo e o fornecimento de água. "Ficamos de dois a três dias sem coleta de lixo no bairro", revela a funcionária do Conselho de

15 dias que não sobe água aqui na Rua Bahia", reclama o comerciante Manoel Pereira dos Santos, um dos mais antigos moradores, instalado em Tancredo Neves há 25 anos. "Sempre foi assim, não é sempre que sobe água, não", revela.

Segundo os moradores, em Tancredo Neves também não há sequer uma creche, nem uma agência dos Correios. Há apenas uma escola de segundo grau, o Colégio Estadual Edvaldo Fernandes. Outra ausência também está na pauta de reivindicações da população: uma agência bancária.

Acordo de paz

Esta última solicitação vem das famílias de classe média, que também habitam o local, no rastro do bom desempenho de alguns estabelecimentos comerciais, a atividade mais forte do local. "Gosto daqui. Fico com receio de amanhã ter que sair daqui e ter que montar um comércio num bairro desconhecido", diz Elenita Neves do Santos, dona da Panificadora Bom Jesus da Lapa. "Aqui ninguém mexe com a gente porque nos conhece", completa a comerciante, referindo-se à marginalidade do lugar, que já foi considerado o mais violento da cidade, numa demonstração de uma convivência supostamente pacífica.

Outro acordo de paz é implícito pelo comércio formal e os ambulantes, que, instalados literalmente na porta dos estabelecimento, atrapalham o acesso dos consumidores, mas não irritam os proprietários. "É melhor eles estarem aqui do que assaltando", defende o comerciante Ricardo Liberato, satisfeito com a diminuição do risco de furtos e assaltos.

Satisfeitos também estão os funcionários do único posto de saúde do distrito sanitário Tancredo Neves/Cabula, como a técnica de Laboratório Ieda Lopes. Ela explica que o posto, que já atende emergências, será ampliado e funcionará 24 horas por dia. "Essa foi uma luta de 20 anos", frisa. É esse clima de resignação que parece ter tomado conta dos moradores do bairro de Tancredo Neves. A inexistência de infra-estrutura e o alto índice de violência no início da década de 90 foram até agora camuflados por estruturas precárias, que não deixam os moradores desassistidos, mas estão longe de atender satisfatoriamente a todos.



Em poucas décadas, o antigo Beiru cresceu bastante e hoje ostenta uma parte urbanizada, dotada de um comércio bastante expressivo

Nome marcado pela violência

Até 1987, o bairro de Tancredo Neves se chamava Beiru. Numa caminhada pelas ruas percebe-se facilmente a presença da antiga demonização em diversos estabelecimentos comerciais e também na boca do povo. Há ainda quem grite "Fica aqui no Béru", lembrando o apelido que torna o velho mas não ultrapassado nome da localidade mais curto e proparoxítono, imune a rimas.

Da escritura da fazenda que deu origem ao bairro é que se obtém a explicação para o primeiro batismo. No final do século XIX, a família Hélio Silva Garcia, dona da área ocupada hoje pelo bairro, doou boa parte das suas terras a um escravo chamado Beiru, pelos altos serviços prestados à família. Com a morte de Beiru, anos mais tarde, as terras voltaram às mãos da família Hélio Silva Garcia, porque o escravo não tinha herdeiros livres. Então, para prestar uma merecida homenagem ao escravo falecido, a fazenda passou a se chamar Beiru.

Em relação à origem da ocupação do local, os registros contam também que o primeiro morador, Miguel Arcanjo de Souza, instalou-se no local no iní-



A ocupação aleatória das encostas acarretou para o bairro uma série de problemas de urbanização

cio do século XX. Mas foi somente na década de 70 que surgiram as invasões entre a Avenida Paralela e o Hospital Roberto Santos, formado a invasão do Beiru.

Um plesbicito, porém, acabou por modificar o nome do local. Um projeto do vereador Dionísio Juvenal propôs a mudança do nome do bairro, que estava marcado pela criminalidade.

Segundo o projeto aprovado no plesbicito de 1987, o nome do presidente eleito que acabara de falecer, Tancredo Neves, poderia renovar a imagem do bairro perante a cidade de Salvador.

ONDE FICA



Apaes receberão recursos

Quarenta e oito lotes de alimentos, brinquedos, perfumaria, eletroeletrônicos, ferramentas e objetos de decoração, dentre outros produtos repassados pela Receita Federal, serão leiloados pela Federação das Apaes do Estado da Bahia no dia 7, na Rua Professor Souza Brito, 4, Farol de Itapuã, em frente ao Restaurante Mistura Fina. Os interessados podem visitar os produtos nos dias 5 e 6, tanto no local do leilão como no Quartel do 19º BC, Cabula, das 9 às 11h30 e das 14 às 17h30. O objetivo é arrecadar recur-

sos para a instituição, que representa 54 filiadas na Bahia, onde são atendidos milhares de alunos portadores de diferentes tipos de deficiência, por meio de vários projetos. O presidente da Feapaes, José Américo Silva Fontes, lembra que os interessados também podem fazer lances antecipados e obter mais informações por intermédio do site www.svn.com.br/darke. Outras informações podem ser fornecidas pelos telefones 235-2807, 9971-7965 e 9965-0352, 249-4505 e 9982-4643.